

# Os Primeiros Momentos da Colonização Fenícia na Península Ibérica: uma visão síntese das realidades socioeconómicas de Gadir em contacto com os indígenas

João Pedro Oliveira e Silva

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

[j0ao@msn.com](mailto:j0ao@msn.com)

*Resumo* A Colonização Fenícia na Península Ibérica, pela sua importância enquanto momento de transição, tornou-se num dos marcos mais importantes, e certamente num dos mais debatidos, da História Antiga da Península Ibérica. A mistura de Indígenas e Fenícios deixou uma marca no tecido social político e cultural de uma grande parte do espaço ibérico, que se estendeu mesmo em períodos históricos posteriores. Como tal o presente trabalho propõe-se analisar de forma sintética produtos trocados, redes de circulação, meios de contacto entre fenícios e indígenas nos primeiros momentos de colonização, bem como outras eventuais realidades socioeconómicas, no espaço de Gadir. Apresentam-se assim algumas das principais questões em torno de tão deliberado assunto.

*Abstract* The Phoenician colonization of the Iberian Peninsula, and its importance as a cause of change, has become a central, and ever present, focal point in its Ancient History. The contact between the indigenous peoples and the Phoenicians left a mark in the social, political and cultural fabric throughout the Peninsula and reaching down into later periods. This paper presents a synthesised analysis of the trade goods, their distribution networks and the patterns of contact between the indigenous peoples and the Phoenicians, focusing primarily in the beginning of the colonization. Parallel to the analysis of the economics of the Gadir area, this paper aims to put forward some of the main questions that underlie the subject.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho reflete uma análise em síntese de um tema que suscita desde há muito uma grande quantidade de produção bibliográfica, bem como a formulação de novas teorias para responder a um número crescente de questões cada vez mais complexas. De modo a tentar desvendar um pouco melhor a História Antiga da Península Ibérica, expomos de seguida a temática da colonização fenícia no Ocidente, que consideramos como um momento importante para História Ibérica.

Para além de ser de extremo interesse é também um tema onde a História e Arqueologia se fundem e se tornam relevantes para um aprofundamento do

estudo no melhor sentido, procurando-se deste modo a interdisciplinaridade. A exposição que se segue poderá contribuir para a discussão acerca das realidades socioeconómicas entre as populações indígenas da Península Ibérica e os fenícios nos primeiros contactos cerca VIII a.C..

## FUNDAÇÃO DE GADIR

O tema da colonização Fenícia do Ocidente é uma problemática desde há muito visitada por vários, mesmo autores clássicos teceram algumas considerações acerca do assunto, pelo que é uma temática com uma vastíssima bibliografia e discussão centrada essencial em duas perguntas fundamentais: quando e onde foi Gadir fundada? Esta pergunta não encontra respostas corretas, no entanto é constantemente revisitada e palco de muita investigação e teorização acerca da dita colonização fenícia do ocidente.

Abrimos aqui um pequeno parêntesis apenas para referir que o termo colonização, e os seus derivados serão aqui empregues para designar o estabelecimento de populações fenícias fora da metrópole de origem (por exemplo Tiro). O conceito não deve portanto ser entendido como no período Moderno ou Contemporâneo, mas como sinónimo de contacto entre fenícios e indígenas (SCHUBART, Hermanfrid; AETEAGA, Oswaldo, 1994, p. 432).

Um dos principais problemas neste tema relaciona-se com a dificuldade em estabelecer uma cronologia para o primeiro estabelecimento fenício. Neste sentido destaca-se não só a discórdia entre os próprios autores clássicos (como Plínio, Mela, Veleio Patérculo etc.), que deixaram registos acerca da chegada dos fenícios, como também a própria discrepância entre as datas propostas pelos mesmos, e aquelas que a Arqueologia defende. Enquanto os autores clássicos colocam a chegada fenícia cerca do final do século XII a.C., a arqueologia recua *in extremis* até ao século VIII, raras vezes IX a.C. (BLÁZQUEZ, José Maria, 1988, p. 277).

Por conseguinte, as fontes clássicas, ainda que de enorme interesse, devem ser matizadas pois as suas bases de sustentação nem sempre são as mais sólidas. Além disso tratando-se de autores no máximo dos casos do século I a.C. torna-se mais dúbia qualquer informação transmitida pelos mesmos acerca de

acontecimentos no século XII a.C. (BLÁZQUEZ, José Maria, 1988, p. 278). Pode-se ainda destacar que não se afigura verosímil que as cidades fenícias tivessem as capacidades (bem como as motivações) para realizar os empreendimentos marítimos para ocidente, nas datas propostas pelos vários autores clássicos (MONTENEGRO, Ángel; BLÁZQUEZ, J. M.; MATA, D. Ruiz et. al., 1998, p.82).

## O PRIMEIRO CONTACTO ENTRE FENÍCIOS E INDÍGENAS

Quando nos começamos a referir ao início da colonização fenícia no Ocidente, não conseguimos deixar de nos questionar acerca dos métodos usados para que tal acontecesse. E por esse motivo iremos de seguida apresentar duas hipóteses teóricas.

Uma teoria conhecida a respeito deste assunto é a teoria da Pré-Colonização Fenícia do Ocidente, que aponta para a hipótese de, num momento anterior à real colonização, os fenícios terem entrado em contacto com os indígenas ibéricos do Bronze Final. Esta conjectura apoia-se em vários artefactos como algumas armas luxuosas, rituais fúnebres de índole oriental, e mesmo no facto do início da exploração metalífera (no Bronze Final) ser evidência de um contacto mínimo com fenícios. De forma sintética, esta teoria conclui que o embrião da colonização fenícia no ocidente estava já implantado no Bronze Final, e resulta numa tentativa de melhor sincronizar os vestígios arqueológicos com os relatos dos autores clássicos (ALMAGRO-GORBEA, Martín, 2000, pp. 711-721).

Por outro lado Maria Eugénia Aubet não corrobora a teoria pré-colonialista e prefere apresentar a sua própria proposta teórica que designou de “*intercambio de dones*” à letra “troca de presentes”. Trata-se de um fenómeno económico munido de uma importante carga social, onde são trocados objetos de alto valor e luxo, com um claro propósito de tentar construir relações amistosas (AUBET, Maria Eugénia, 1994, pp. 92-131). Este tipo de teorização é utilizado para justificar a existência de elementos de matriz oriental (fenícia) em contextos do Bronze Final, que não denotam uma presença fenícia consolidada. Neste contexto, os artefactos a que nos referimos correspondem a instrumentos bélicos decorados (como escudos e punhais de duas abas),

utensílios de “banquete” e alguns objetos de adorno pessoal (LEON, José Millán, 2000 pp. 859-867). Em suma, não se trataria de comércio com redes de interacção estabelecidas nem de permutas constantes mas sim, de uma preocupação em estreitar relações com vários povos especialmente através das suas elites, método aliás que, segundo o relato de Unamón, era utilizado pelos fenícios antes dos empreendimentos mediterrâneos, pelo que poder-se-ia considerar enraizado no ideal cultural fenício (AUBET, Maria Eugénia, 1994, pp. 92-131).

### TARTESSOS E A POPULAÇÃO IBÉRICA INDÍGENA

Seguindo a linha de pensamento acerca dos primeiros contactos entre Fenícios e Indígenas, é pertinente que também seja um pouco descrita a realidade indígena e algumas questões relacionadas com a mesma. Nomeadamente a questão de Tartessos que não é fácil de definir.

Optámos assim por apenas fazer referência às fontes clássicas acerca de Tartessos, de modo a que este trabalho não se estenda para além do aceitável. Vários autores clássicos como Rufo Festo Avieno ou Escimno de Quios (entre outros) estudaram e escreveram acerca de *Tarsis* (designação muito plausível de se referir a Tartessos). A grande maioria dos autores localizava Tartessos no Sul da Península Ibérica. Estes descreveram *Tarsis* como um lugar ou “reino” na Península Ibérica, munido de amplíssimas riquezas, que corresponderia aos indígenas ibéricos encontrados aí pelos fenícios quando desembarcaram. (MATA, Diego Ruiz 1994 p.386).

Deste modo, reunindo as informações dos vários autores clássicos, é plausível que Tartessos se localizasse relativamente perto daquilo que viria a ser a colónia fenícia de Gadir, hipótese que é apoiada pelos dados arqueológicos que atestam a presença indígena na zona de Huelva (zona de exploração metalífera), em contacto com os povos fenícios nos primeiros momentos da colonização (MATA, Diego Ruiz, 1994 p.388).

No entanto, Tartessos também levanta questões quanto à sua identidade. Se admitirmos os relatos da generalidade dos autores clássicos atestamos que no sul da Península, zona de Huelva e de Gadir, terá sido o local de

desenvolvimento da cultura tartéssica. Este pressuposto, contudo, abre a discussão acerca de se grupos populacionais associados a Tartessos eram de génese exclusivamente endógena, ou se o seu carácter se formou em conformidade com a influência Fenícia (ALBUQUERQUE, Pedro 2010, pp. 61-84). Ainda assim devemos lembrar-nos que as primeiras formas de influência fenícia se abateram sobretudo nas elites indígenas, e como salientou Pedro Albuquerque essas podiam não afetar a identidade total do grupo (ALBUQUERQUE, Pedro 2013, p. 53).

Existem portanto indícios que situam Tartessos na região de Huelva, com povoados providos de características indígenas (herdadas desde por exemplo do Bronze Final). A partir do contacto com os fenícios esses povoados alteraram-se e formaram aglomerados populacionais com especificidades diferentes. (MONTENEGRO, Ángel; BLÁZQUEZ, J. M.; MATA, D. Ruiz *et. al.*, 1998, p.88).

O espaço de Tartessos incorporava locais como *El Carambolo, Huelva, San Bartolomé, Cerro de San Juan* entre outros, caracterizados geralmente por se estabelecerem a baixa altitude, sem sistemas defensivos e de preferência com uma componente fluvial forte. Os rios Guadalquivir, Guadalete e Guadiamar foram importantes referências neste contexto proporcionando diversas ligações a outros povoados (facto que foi amplamente aproveitado no contacto com os fenícios) (MATA, Diego, Ruiz, 1994, p.394). Está reportada também pelas evidências materiais a preferência pelas estruturas circulares, sem que existissem edifícios de índole declaradamente pública com uma economia local ainda que alguma conectividade (MATA, Diego, Ruiz, 1994, p.396), e essencialmente atividades agrícolas e ganadeiras, e ainda a exploração de metais (na zona de Rio Tinto por exemplo) ainda que não tão intensa como em período de consolidação fenícia (ESCACENA José Luís Carrasco 2001 p. 88).

Contudo, como já foi referido, a definição da identidade de Tartessos está também ligada à influência Fenícia, tendo esta sido (consideravelmente) cimentada com a exploração metalífera nesta zona da Península Ibérica. Note-se a par disto as inúmeras referências, pelos autores clássicos, ao facto da expansão de Tiro se ter direccionado para Ocidente em busca dos metais que abundavam na Península Ibérica (MONTENEGRO, Ángel; BLÁZQUEZ, J. M.; MATA, D. Ruiz *et. al.*, 1998, p.87). Isto significa que as sociedades tartéssicas, muito

provavelmente influenciadas pelas trocas de produtos de luxo com os fenícios, e por uma crescente exploração das zonas metalíferas como *Río Tinto*, *Cerro de Salomón* e *Quebrantahuesos*, acabaram por se distanciar um pouco dos antigos modelos, desenvolvendo-se com intercomunicações crescentes especialmente em relação ao núcleo de Huelva (MONTENEGRO, Ángel; BLÁZQUEZ, J. M.; MATA, D. Ruiz et. al., 1998, p.88).

Posto isto, núcleos como Huelva e Gadir e os povoados ao seu redor desenvolveram-se bastante a partir do influxo oriental. De facto podemos situar o início da influência oriental na Península Ibérica no século VIII a.C., ainda que nalguns casos possa haver datações mais antigas que atestem presença fenícia, como o caso de *Ronda la Vieja-Acinipo*, apesar de tais datações possam ser discutíveis. Este é o que comumente se designa por processo “orientalizante”, que não se propagou homogeneamente pela Península Ibérica. Se tomarmos o exemplo da área em redor de *Gadir* concluímos que a influência oriental se estendeu rapidamente, no entanto o povoado de *Cabezo de San Pedro* (zona de Huelva) só no século VII a.C. tem uma presença fenícia consolidada.

Deste modo, os contactos que começaram por ser esporádicos e essencialmente através de troca de bens de luxo (facultados pelos fenícios) entre indígenas e fenícios evoluíram e diversificaram-se. Com o fortalecimento das ligações, sítios como *Gadir* cresceram muito devido à convergência de bens e população provenientes da zona de Huelva, que em grande parte assimilaram o carácter fenício sem dificuldade. Elementos como a presença de ânforas, maior exploração dos recursos metalíferos, cerâmica de torno, cerâmica pintada a vermelho e uma maior hierarquização da sociedade (potenciada nalguns casos pelas novidades nos ritos funerários) foram os resultados de uma presença e influência fenícia que cresceu e que em muitos casos foi até bem recebida pelos indígenas consolidando as relações entre Tartessos (entendendo-se aqui se tratava do meio indígena) e fenícios.

## GADIR

Agora que resumimos de certa forma a realidade indígena do sul da Península Ibérica podemos dedicar-nos ao tema central deste trabalho, isto é

*Gadir*, que foi um dos mais importantes centros do sul da Península Ibérica, especialmente a partir da fixação dos povos fenícios no território. Vários dados arqueológicos provenientes de sítios como Morro de Mezquitilla, La Fonteta, Toscanos e Cerro del Villar (na área de influência de Gadir) fornecem-nos dados através do seu espólio arqueológico que permitem atestar a presença fenícia praticamente desde o século VIII a.C.. Sítios como estes estão na génese da origem da “colonização”, no entanto quando mencionamos povoados como estes somos compelidos a referir o Castillo de Dona Blanca, que é atualmente uma das melhores apostas, quando se teoriza acerca da primeira colónia Fenícia.

O Castillo de Dona Blanca está situado na orla costeira perto da serra de San Cristobal e em contacto com rio Guadalete. Merece destaque porque este estabelecimento fenício (munido de formas estruturais com traçado ortogonal, fortificações em torno do povoado, cerâmicas a torno e com decoração vermelha) lança as bases para a teorização da dualidade de ocupação fenícia, isto é, para além deste devia existir na ilha *Eritheya* outro povoado fenício em constante comunicação com o povoado do continente (MATA, Diego Ruiz, 1999 pp. 279-317). Este modelo não é de todo estranho ao povo Fenício (BASALLOTE, M<sup>a</sup>. Gener; GARCIA, M<sup>a</sup>. de los Á. Navarro; SÁEZ, J. M. Pajuelo; et al. 2012 pp. 135-160) tendo o povoado no continente o objetivo de sondar o território e tentar espalhar a sua influência (MATA, Diego Ruiz, 1999 pp. 279-317).

O sítio denota uma grande quantidade de ânforas, a par de ampla variedade de tipologias o que mostra tratar-se de um centro de trânsito de produtos e de uma grande convergência de pessoas de diversas naturalidades. Existe mesmo a possibilidade de ter sido um local de distribuição dos bens trazidos de outras partes do mediterrâneo para o interior da península, da mesma forma que recebia os produtos gerados pelo interior ibérico (nomeadamente prata) e os redirecionava para outros pontos mais distantes do mediterrâneo (MATA, Diego Ruiz, 1999 pp. 279-317). A sustentar ainda esta teoria podemos referir ainda a escavação do *Ciné-Cómico* recentemente realizada. Nesta intervenção foram descobertos dados no ponto mais alto da ilha *Erytheia*: traçado ortogonal de estruturas, vestígios de atividades laborais caracteristicamente fenícias e ainda alguns elementos materiais (cerâmicos maioritariamente, por exemplo *neck-ridge jug*) que são tipicamente fenícios e

que podem corresponder a uma cronologia cerca dos Finais do século IX a.C., podendo ser localizados nos estratos III e IV de Bikay nas suas escavações em Tiro (BASALLOTE, M<sup>a</sup>. Gener; GARCIA, M<sup>a</sup>. de los Á. Navarro; SÁEZ, J. M. Pajuelo; et al. 2012 pp. 135-160).

Impulsionados ou não pelas populações do Castillo de Dona Blanca certo é que se formaram mais povoados fenícios (especialmente na zona de Málaga) como Toscanos, Cerro del Vilar, La Fonteta ou ainda Morro de Mezquitilla. Nestes povoados existem os traçados urbanos e defensivos tipicamente orientais bem como pratos fundos com pintura de bandas e cerâmica pintada de vermelho. Encontramos ainda evidências das relações que a eram mantidas com as povoações indígenas por exemplo na argila encontrada sobre os sistemas defensivos, encontrada também na região de Rio Tinto (Huelva). Conseguimos também discernir trocas entre os recentemente formados povoados fenícios, já que se pode encontrar cerâmica policromada, vasos de boca de seta com decorações avermelhadas, e outros tipos de decoração claramente oriental, que circulavam entre os vários povoados de ocupação fenícia já referidos, e ainda outros (BLÁZQUEZ, José María 1988 PP. 299-305).

Estes locais de fundação muito provavelmente fenícia foram extremamente importantes para a afirmação e, crescimento desses povos em território ibérico. Pode-se até salientar que lançaram bases para implantações posteriores de outros povos estrangeiros, tomando o exemplo de Trayamar onde se registou ocupação púnica posterior (SCHUBART, Hermanfrid; AETEAGA, Oswaldo 1994, p. 439).

Os fenícios não só trouxeram uma série de novidades materiais; note-se as inovações na manufatura de cerâmica e estilos de decoração, bem como múltiplos objetos de bijutaria e ourivesaria alfinetes, anéis, ovos de avestruz decorados (BLÁZQUEZ, José María 1988 PP. 299-305). Como foram ainda responsáveis por mudanças culturais e muito provavelmente sociais, observáveis pelos rituais funerários com tendência ao aumento de hierarquização social; mas também a par disto por um incremento no dinamismo das potencialidades naturais das zonas onde se implantaram (BLÁZQUEZ, José María 1988 PP. 299-305).

## MUNDO ECONÓMICO DE GADIR

Dada a natureza deste trabalho vou aqui agora explorar o aspeto económico de *Gadir*, ou seja as principais rotas de transações, os produtos (que ao longo deste texto já foram aflorados), bem como algumas questões muito pertinentes quanto ao modelo socioeconómico fenício em confronto com os modelos indígenas.

Parece ser consensual entre os autores antigos que a principal motivação da expansão fenícia para ocidente foi a busca de metais (nomeadamente prata), ideia que é aliás partilhada por alguns autores contemporâneos. Esta busca de recursos metalíferos conduziu os recém-chegados orientais aos territórios ao ocidente peninsular, por exemplo os territórios de Huelva e Rio Tinto, já com tradição de extração e comercialização de minérios e metais, bem como a troca de uma alargada gama de produtos para suprir as necessidades da população. Por este motivo não seria prudente negligenciar a importância de Huelva enquanto centro distribuidor mesmo antes do advento fenício (MATA, Diego Ruiz, 1994, pp.379-429). Por outro lado é também praticamente inegável que os “colonizadores” tiveram um grande impacto nas populações que residiam na zona de Huelva, rapidamente contribuindo para o aumento das trocas, e da rede de transações envolvidas (BLÁZQUEZ, José María 1988 p. 305).

Resulta num difícil exercício destrinçar quais eram as vias de comunicação neste período, nomeadamente por em muitos dos casos não terem um traçado em comum com as vias romanas amplamente mais documentadas (CATALÁN, Manuel Pellicer, 2000, pp. 99-100). Contudo podemos salientar que ao que tudo indica o meio de transporte através de cursos de água era preferencial para os fenícios, sendo isto documentado até pela sua expansão para o interior da Península Ibérica onde o traçado dos rios assume grande importância. Este relevo conferido à rede fluvial é inclusivamente visível pela quantidade de estabelecimentos fenícios, e mesmo os muitos tartéssicos, que se encontravam nas margens de rios como o Guadalquivir, Guadalete, entre outros (FLORIDO, Maria Luísa Lavado, 2000, pp. 379-383). Neste ponto a desembocadura do Guadalquivir era particularmente importante pois a circulação de bens, e pessoas neste espaço era já elevada e aumentou consideravelmente com a

presença dos povos orientais que se foram fixando ao longo dos rios (FLORIDO, Maria Luísa Lavado, 2000, pp. 379-383).

Por conseguinte é seguro referir que não se deve menosprezar a importância das navegações marítimas empreendidas pelos fenícios, que dispunham de meios notáveis (como a navegação em altura) capazes de colocar as suas populações a uma distância muito considerável da costa (AUBET, Maria Eugénia, 1994, pp. 144-172). Na verdade as populações de origem oriental levaram a cabo navegações atlânticas, essencialmente a partir de *Gadir*, dando provas das capacidades de navegação dos fenícios no oceano. Estas rotas atlânticas permitiram ligações a regiões como o Algarve ou até Setúbal, ainda que estas tenham ocorrido ao que tudo indica em momentos mais tardios que o século VIII a.C. (LEON, José Millán, 2000 pp. 859-867). No fundo foi a grande amplitude de redes e contactos com diversas populações que permitiu aos fenícios não só estabelecerem-se em terrenos estrangeiros nos séculos VIII e VII a.C., como prosperarem e serem grandes monopolizadores na circulação de pessoas e bens (desde os mais luxuosos aos de primeira necessidade) em fases mais tardias da sua permanência nas regiões ocidentais do Mediterrâneo (por exemplo século V a.C.) (LEON, José Millán, 2000 pp. 859-867).

As vias de comunicação já descritas eram de facto da maior importância para a proliferação do comércio fenício, bem como dos seus paradigmas sociais. Nestas vias a circulação não se tratava exclusivamente de produtos, mas no fundo também dos arquétipos sociais fenícios, que progressivamente se instalaram na Península Ibérica. Partindo daqui percebemos que os indícios mais evidentes e que permitem mais realisticamente traçar o carácter dos povoados fenícios, são os vestígios dos produtos transacionados e os meios de transporte dos mesmos.

Como já referimos os recursos metalíferos provenientes dos territórios peninsulares adquirem grande importância, especialmente no contacto entre o mundo tartésico e o fenício. O ferro e a prata são provavelmente os recursos de maior importância neste âmbito e ilustram os primeiros momentos de colonização fenícia (ARRUDA, Ana Margarida, no prelo). Não obstante outros metais como o ouro (do Rio Tejo), o minério de estanho (da rede das Cassitérides), chumbo e cobre entravam na vasta rede de circulação de bens que

os fenícios ajudaram progressivamente a construir (CASTRO, José Luis López, 2000 pp. 107-119). Os fenícios por sua vez negociavam as suas produções típicas com manufatura de alta qualidade como joias de ouro ou prata, perfumes, recipientes de alabastro, e ainda objetos com decoração em marfim, e alimentos destinados às elites (que eram o alvo de muita da oferta de produtos por parte dos fenícios) como o vinho. Lembremo-nos ainda das inovações trazidas no que toca à cerâmica, nomeadamente o torno e as ânforas de grandes dimensões marca evidente da presença fenícia nos territórios ibéricos (CASTRO, José Luis López, 2000 pp. 107-119).

De modo a fechar este ponto devemos reter que além dos metais e de todos os outros produtos que os indígenas tivessem para oferecer, aquilo de que os fenícios tinham a maior necessidade era território, não só para se fixarem mas também para desenvolver atividades básicas de subsistência como a agricultura, que no caso dos fenícios foi uma “agricultura intensiva” (tenha-se em atenção que esta designação deve ser considerada em relação à respetiva cronologia) (WAGNER, Carlos, 2005 pp. 177-192). Como consequência do aumento das suas terras, os fenícios viriam a ter desde muito cedo uma necessidade crescente de mão-de-obra, dado o incremento sentido na exploração da maior parte das atividades económicas (CASTRO, José Luis López pp. 107-119).

Após as informações que foram expostas é possível compreender várias diferenças entre os povos indígenas e os fenícios no que toca às atividades socioeconómicas. Não obstante podem ser apresentadas duas que merecem destaque: Em primeiro lugar veja-se que nas malhas económico-sociais onde se cruzaram indígenas e os estrangeiros orientais, os dois núcleos civilizacionais desempenharam tarefas diferentes dentro do mesmo sistema de trocas. E ainda, talvez mais relevante, deve ser clara a disparidade de natureza existente quando se confrontam os produtos que indígenas e fenícios colocam à disposição uns dos outros. Percebemos isto se compararmos a troca de grandes quantidades de metais facultadas pelos indígenas, por os artefactos de luxo (manufaturados por fenícios) direcionados para as elites locais. Enquanto uma atividade envolve uma maior quantidade de mão-de-obra e move mais recursos (a exploração metalífera) o fabrico de artigos de luxo move mão-de-obra mais especializada, e

uma vez que é direccionada para as elites locais pode ter uma grande margem de lucro.

Esta série de conteúdos permite-nos lançar as bases para a questão da Troca Desigual modelo que, segundo alguns autores como José Luíz López Castro, existiu entre fenícios e indígenas ibéricos nos primeiros momentos de contacto entre as duas sociedades (CASTRO, José Luis López, 2008, pp. 273-287), 200. Na verdade a proposta de as sociedades indígenas sofrerem uma alteração, no sentido de as elites se afirmarem face aos produtos que são disponibilizados pelos fenícios, é bastante verosímil. A realidade é que a valorização dos mesmos produtos não é semelhante nas duas sociedades económicas. Isto aliado a outros dados contribuiu para uma maior hierarquização da sociedade, acontecimento que já tínhamos analisado como consequência do contacto com os fenícios (CASTRO, José Luis López, 2008, pp. 273-287).

Ainda em relação a esta problemática, Carlos Wagner vai mais longe e revê o conceito de violência, que acaba por empregar para classificar a presença fenícia no Ocidente, faceta que muito raramente é usada para classificar o processo de fixação fenícia na Península Ibérica (WAGNER, Carlos, 2005 pp. 177-192). Este autor defende que é uma “agressividade indirecta” que provoca inúmeras transformações nos modelos de exploração, de câmbio e de coesão económico-social, adiantando inclusivamente a ideia de que o aumento da desigualdade social no seio das sociedades indígenas, pode ter desenvolvido comercialização de escravos (WAGNER, Carlos, 2005 pp. 177-192).

Ainda assim o dinamismo provocado pela entrada dos fenícios resulta também no incremento de poder das elites autóctones, e na consolidação da presença fenícia em território ibérico que viria a formar um tipo de aristocracia (CASTRO, José Luis López, 2008, pp. 273-287).

Estas mudanças podem ser vistas de diferentes formas, Carlos Wagner por exemplo argumenta que as mutações impulsionadas pela presença oriental não foram necessariamente melhorias, defendendo que se produziu um sistema mais parecido com um colonialismo, do que propriamente com uma coexistência mutuamente benéfica (WAGNER, Carlos, 2005 pp. 177-192). Por outro lado podemos simplesmente admitir que os indígenas (mais especificamente as elites) adotaram os modelos fenícios que de diversas formas e progressivamente se

impuseram, não existindo necessariamente uma entidade reguladora central, ou um confronto mais direto e evidente (ALBUQUERQUE, Pedro, 2013, PP. 54-55).

### **Conclusões:**

No fecho deste trabalho podemos apresentar algumas das ideias que devem ser retidas após a exposição que foi efetuada. Podemos começar por concluir que a questão da identidade de Tartessos, é na verdade um assunto em aberto aceso debate. Ainda assim independentemente da existência prévia de um substrato indígena que se possa designar como Tartessos, os povoados indígenas sofrem tremendas metamorfoses após o contacto com os fenícios, podendo-se argumentar que com isso ajudaram a criar novos paradigmas sociais económicos e culturais neste espaço ibérico. A par disto é bastante plausível que a sua localização no Ocidente Peninsular, fosse na zona de Huelva, que desde bastante cedo entrou em contacto com os orientais fenícios, hipóteses sustentadas não só pelas fontes mas também pelos espólios arqueológicos de sítios intervencionados na zona de Huelva.

Em relação a Gadir a sua importância derivou de muitos fatores que depois dos séculos VIII e VII a.C. se diversificaram ainda mais. Apesar do seu crescimento a importância desta cidade deveu-se à dualidade Atlântico-Mediterrâneo que permitiu maior leque de contactos e circulação de produtos e indivíduos. Mas deveu-se principalmente à dinamização da área envolvente terrestre utilizando e possibilitando acesso a uma vasta gama de produtos do interior do território ibérico como as enormes quantidades de metais.

Para terminar permitimo-nos apenas reforçar o interesse e gosto pela temática e investigações envolvidas na realização deste exercício teórico, e o desejo de acompanhar com avidez as novas propostas teóricas em temas com um debate tão vivo.

## BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Pedro. “Alguns pontos de interrogação sobre identidade(s) e território(s) em Tartessos”, SPAL, n.º22, Sevilha, 2013, pp. 47-70

ALBUQUERQUE, Pedro. *Tartessos: entre Mitos e Representações*, Cadernos da Uniarq, Universidade de Lisboa, 2010 pp. 19-39 e 61-84

ALMAGRO-GORBEA, Martín. “La precolonización fenicia en la Península Ibérica”, *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos, Cádiz, 2 al 6 de octubre de 1995*, coordenação de Manuela Barthélemy; María Eugenia Aubet Semmler, vol. 2, Cádiz, Universidad de Cádiz, 2000, pp. 711-721

ARRUDA, Ana Margarida. “Intercultural contacts in the Far West at the beginning of the 1<sup>st</sup> millennium BCE: Through the Looking-Glass”, No Prelo

AUBET, Maria Eugenia. “Capítulos 1-10”, *Tiro y las Colonias Fenicias de Occidente*, Editora Crítica (Grijalbo Mondadori), Barcelona, 1994 pp. 15-260

BASALLOTE, J. M<sup>a</sup>. Gener; GARCÍA, M<sup>a</sup>. de los Á. Navarro; SÁEZ, J. M. Pajuelo; et al. “Las Crétulas del Siglo VIII A. C. de las excavaciones del Solar del Cine Cómic (Cádiz)”, *Madrider Mitteilungen*, n.º 53, 2012, pp. 135-160

BLÁZQUEZ, José María. “Capítulo XI - Los Fenicios en la Península Ibérica (1100-final siglo VI a. C.)” *Historia de España Antigua*, J. M. Blázquez, F. L. Lomas, F. Presedo, J. Fernández Nieto, vol. I Protohistoria, Madrid, Catedra, 1988, pp. 277-325

CATALÁN, Manuel Pellicer. “El proceso orientalizante en el Occidente Ibérico”, *Huelva Arqueológica*, n.º16, Huelva (España), 2000, pp. 89-134

CARRASCO, José Luis Escacena. “Fenicios a las puertas de Tartessos”, *Complutum*, 12, Madrid, 2001 pp. 73-96

CASTRO, José Luis López. “Formas de intercambio de los fenicios occidentales en época arcaica” *Intercambio y Comercio preclásico en el Mediterráneo, Madrid 9-12 noviembre 1998*. Pilar Fernández Uriel, Carlos González Wagner, Fernando López Pardo (Eds.), I, Madrid, Centro de Estudios Fenicios Y Púnicos, 2000, pp. 107-119

CASTRO, José Luis López. “Las relaciones mediterráneas en el II milenio A.C. y comienzos del I en la Alta Andalucía y el problema de la ‘Precolonización’ Fenicia” *Contacto cultural entre el Mediterráneo y el Atlántico (siglos XII - VIII*

a.n.e.). “*La Precolonización a debate*”, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, CSIC, Escuela Española de Historia y Arqueología en Roma, Madrid, 2008, pp. 273-287

ESCACENA, J. L.. “Gadir” *Aula Orientalis*. *Revista de estudios del Próximo Oriente Antiguo*, vol. III, 1985, pp. 39-53

FLORIDO, María Luisa Lavado. “El comercio a través del Guadalquivir en época antigua: el yacimiento de las monjas (Trebujena-Cádiz)”, *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos, Cádiz, 2 al 6 de octubre de 1995*, coordenação de Manuela Barthélemy; María Eugenia Aubet Semmler, vol. 1, Cádiz, Universidad de Cádiz, 2000, pp. 385-393

LEON, José Millán. “Las navegaciones atlánticas gadiritas en época arcaica (ss. VIII-VII a.C.): Cerne y las Cassitérides”, *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos, Cádiz, 2 al 6 de octubre de 1995*, coordenação de Manuela Barthélemy; María Eugenia Aubet Semmler, vol. 2, Cádiz, Universidad de Cádiz, 2000, pp. 859-867

MARTÍ-AGUILAR, Manuel Álvarez. “Arganthonius Gaditanus. La identificación de Gadir y Tarteso en la tradición antigua”, *Klio Beitrage zur alten geschichte*, vol.89, n. ° 2, Alemanha, 2007, pp. 477-492

MATA, Diego Ruiz. “Capítulo 5 - Tartessos” *Historia de España*, vol. 1, *Desde la prehistoria hasta la conquista romana (siglo III a. C.)*, Barcelona, Editorial Planeta, 1994, pp. 379-429

MATA, Diego Ruiz. “La fundación de Gadir y el Castillo de Dona Blanca: Contrastación textual y arqueológica”, *Complutum*, 10, Madrid, 1999, pp 279-317

MONTENEGRO, Ángel; BLÁQUEZ J. M.; MATA, D. Ruiz et. Al.. “La colonización Fenicia”, *Historia de España, Colonizaciones y formación de los pueblos prerromanos (1200-218 a. C.)*, Madrid, Editorial Gredos, 1998, pp. 79-108

SCHUBART, Hermanfrid; ARTEAGA, Oswaldo. “Capítulo 6 - La colonización Fenicia y púnica”, *Historia de España*, vol. 1, *Desde la prehistoria hasta la conquista romana (siglo III a. C.)*, Barcelona, Editorial Planeta, 1994, pp. 431-456

SILVA, João Pedro Oliveira. *Os Primeiros Momentos da Colonização Fenícia na Península Ibérica: uma visão síntese das realidades socioeconómicas de Gadir em contacto com os indígenas*. **Atas do IX Encontro Nacional de Estudantes de História**, Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Biblioteca Digital, 2014, p. 47-62, *eBook*

WAGNER, Carlos G.. “Fenícios en el Extremo Occidente: conflicto y violencia en el contexto colonial arcaico” *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 8, n.º 2 Lisboa, 2005, pp. 177-192.